

lenta

JOSÉ NÉUMANNE

# O jeito do Brasil

- 7 DEZ 1991

"O Brasil tem jeito, porque eu quero que tenha jeito". A frase, de autoria do poeta, compositor e cantor baiano Caetano Veloso, é a melhor expressão do rico momento político vivido agora no Brasil. Pode ser ciclotimia, até porque este é um país de ciclotímicos, mas este é um instante em que se pode falar de ânimo, muito mais do que propriamente de otimismo — que, afinal de contas, só poderia ser irresponsável, pois, fundamentalmente, nada se alterou, em profundidade, para justificá-lo.



Depois de reunida a Constituinte e provada a evidência de que nenhuma Constituição, por melhor e mais justa (ou cidadã, como preferem os autores da atualmente vigente, na sereníssima República brasileira) que seja, põe pão à mesa do trabalhador, a espera da redenção parece estar chegando ao fim. O presidente foi eleito diretamente pelo povo, como queriam as multidões reunidas nos comícios em praças públicas há sete anos, mas a situação não melhorou em nada. Chegou a hora de cada um tomar consciência de que não se deve esperar a salvação vinda do alto, de um *deus ex machina*. A responsabilidade é de cada cidadão. E de todos, reunidos.

Pode ser, ainda, uma consciência difusa, mas o brasileiro comum, batido pelas adversidades da vida e impaciente com a espera sem fim da solução milagrosa que resolva todos os seus problemas, sem necessidade de sua própria intervenção, parece começar a perceber que não pode continuar dependendo de líderes. Justamente no momento em que a situação mais se aproxima de algo que pode ser definido como "o fundo do poço", esse estado de espírito parece ganhar corpo.

Recentemente, o líder da bancada do PSDB no Senado Federal, Fernando Henrique Cardoso, visitou Itaipu e voltou de lá deslumbrado, a ponto de declarar de público, no Palácio Avenida, em Curitiba, que a Nação capaz de erguer aquele paredão não deve ser incapaz de construir a cidadania. Seu colega da USP Francisco Weffort, diante do mesmo público, desautorizou a cantilena apocalíptica dos principais líderes do partido que ajudou a fundar, o PT de Lula da Silva e Jair Meneguelli, para engrossar o coro dos que acreditam na possibilidade de o Brasil vir a dar certo.

Caetano Veloso já deixou claro que teme outra possibilidade, esta bastante pessimista, a de o Brasil vir a se transformar num desses países que simplesmente não conseguem se afirmar no cenário internacional. Infelizmente, não está afastada a hipótese de este país vir a ser um império decadente, sem jamais haver alcançado o apogeu. Mas a frase do autor de

Sampa basta para situá-lo entre os artistas merecedores da denominação de "antenas da raça", pois é a definição mais concisa e completa de um movimento subterrâneo que, este sim, pode salvar o Brasil, definitivamente: a consciência de que cada um deve cumprir a sua parte e não transferir a responsabilidade para ninguém mais.

Lida de supetão, a frase de Caetano Veloso pode parecer uma perigosa concessão ao narcisismo. Analisada com isenção e tranquilidade, ela pode se tornar, para esse movimento subterrâneo de tomada do destino nas próprias mãos, um lema semelhante ao dos positivistas — "ordem e progresso" —, inscrito pelos pioneiros republicanos na Bandeira Nacional.

O Movimento Opção Brasil, pluripartidário e multiideológico, é apenas uma entre outras muitas manifestações dessa nova onda coletiva. Essa onda pode ser mais efetiva — se não for apenas uma explosão da nociva ciclotimia nacional — do que a emoção transbordante das diretas-já. E superar a legitimidade social alcançada pelo clamor popular pedindo a convocação da Assembleia Nacional Constituinte.

Hoje atolado na areia movediça da crise, o Brasil precisa dar um jeito de matar a ilusão do *deus ex machina*, para evitar que a esperança da vinda do Messias acabe por fechar todas as portas que lhe dão acesso ao futuro.

■ José Nêumanne é jornalista e escritor

ESTADO DE SÃO PAULO